



VELTCHANÍNÓV

O verão chegou e Veltchanínov, contrariando as expectativas, ficou em São Petersburgo. Sua viagem ao sul da Rússia não dera certo, e não havia previsão de que o processo chegasse ao fim. Esse caso – o litígio sobre uma propriedade – tivera uma reviravolta péssima. Ainda três meses atrás, tudo parecia muito simples, quase indiscutível; mas, de alguma forma, as coisas mudaram de repente. “E, em geral, tudo começou a mudar para pior!” – Veltchanínov passou a repetir a frase para si mesmo, com frequência e azedume. Contratara um advogado hábil, caro, famoso e não poupava dinheiro; mas, por impaciência e desconfiança, cismou em se ocupar pessoalmente do caso: lia e redigia documentos que o advogado rejeitava por completo, corria por repartições, recolhia informações e, provavelmente, atrapalhava tudo e bastante; pelo menos, o advogado se queixava e o expulsava para a dacha. Entretanto, nem sequer decidiu se iria à dacha. A poeira, o sufoco, as noites brancas petersburgueses que irritam os nervos – deleitava-se com isso em São Petersburgo. O apartamento, que alugara há pouco, ficava perto do

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Teatro Bolchói¹ e também não deu certo; “nada dá certo!” Sua hipocondria crescia a cada dia, mas já era propenso a isso há tempos.

Era um homem que vivera muito e largamente, já distante da juventude, com trinta e oito, ou até trinta e nove anos, e toda essa “velhice” – em suas próprias palavras – chegara-lhe “de forma quase completamente inesperada”; ele mesmo compreendia que envelhecera não pela quantidade, mas, por assim dizer, pela qualidade dos anos e que, se suas debilidades já tinham começado, eram antes interiores do que exteriores. Por fora, mesmo agora parecia jovem. Era um indivíduo alto e encorpado, sem um fio grisalho sequer nos cabelos espessos e castanho-claros, com barba comprida e castanha, que quase chegava à metade do peito. Ao primeiro olhar, era desajeitado e tosco; porém, ao observar com mais atenção, você reconheceria nele de imediato um cavalheiro de ótimos modos, que recebera educação da mais alta sociedade. Assim, as maneiras de Veltchanínov eram livres, ousadas e até graciosas, apesar de toda rabugice e falta de jeito que adquirira. E mesmo agora estava repleto da autoconfiança mais inabalável, insolente e típica da alta sociedade, de um tamanho que talvez nem ele suspeitasse e apesar da qual era um homem não apenas inteligente, mas também às vezes até sensato, quase culto e com talentos indubitáveis. A cor de seu rosto, franco e corado, distinguira-se antigamente por uma ternura feminina, que atraía a atenção das mulheres; mesmo hoje, há quem, olhando para ele, diga: “Que bonitão, enxuto e sacudido!” Contudo, esse “bonitão” era cruelmente acometido de hipocondria. Seus olhos, grandes e azuis, há dez anos também tinham muito de vitoriosos; eram tão radiantes, alegres e despreocupados que, sem querer, atraíam todos que cruzavam com ele. Agora, chegando aos quarenta, a clareza e a bondade tinham praticamente se apagado nesses olhos, já rodeados de leves rugas; neles surgira, pelo contrário, o cinismo de um homem cansado, não completamente moral, a astúcia e

1 Não confundir com a célebre casa homônima de Moscou. O Teatro Bolchói (em russo, grande) de São Petersburgo localizava-se, entre 1783 e 1885, na Praça Teatral, no lugar do atual Conservatório. (N. T.)

o sarcasmo cada vez mais frequentes, sem falar em uma nova nuance de tristeza e dor – uma tristeza distraída, como que imotivada, porém forte. Essa tristeza se manifestava especialmente quando ele ficava sozinho. E o estranho era que, apenas dois anos antes, esse ruidoso, alegre e distraído homem, que contava de modo tão glorioso narrativas tão divertidas, agora não gostava de nada tanto quanto de ficar absolutamente sozinho. Abandonou intencionalmente muitos conhecidos que mesmo agora poderia ter conservado, apesar da desordem definitiva de suas condições monetárias. Verdade que a vaidade contribuiu para isso: com sua desconfiança e vaidade, não era possível suportar os conhecidos de antes. Entretanto, mesmo a vaidade, aos poucos, começou a se modificar na solidão. Não diminuiu; foi até o contrário. Mas começou a degenerar em um tipo peculiar de vaidade, que antes não havia: às vezes, punha-se a padecer por motivos completamente diferentes dos costumeiros, de antes – por motivos inesperados e que antes seriam absolutamente impensáveis, por motivos “mais elevados” que até então, “caso seja possível dizer isso, caso de fato haja motivos mais elevados e mais baixos...” Isso já foi ele que acrescentou.

Sim, chegara até mesmo a isso; batia-se agora com motivos *elevados*, nos quais antes sequer pensara. Em sua consciência, sinceramente chamava de elevados todos os “motivos” dos quais (para seu espanto) não podia rir sozinho de jeito nenhum – o que até então não ocorrera –; ah, em sociedade era outra coisa! Sabia perfeitamente que bastava produzirem-se as circunstâncias e, no dia seguinte, em voz alta, apesar de todas as decisões secretas e devotas de sua consciência, tranquilamente renegaria todos aqueles “motivos elevados” e seria o primeiro a levá-los ao riso, obviamente sem admitir nada. E era de fato assim, apesar da parcela, até bastante significativa, da liberdade de pensamento conquistada por ele nos últimos tempos com relação aos “motivos baixos” que o dominavam até então. E quantas vezes, levantando-se da cama pela manhã, não começara a se envergonhar dos pensamentos e

sentimentos que vivenciara na noite de insônia! E, nos últimos tempos, padecia completamente de insônia. Há tempos, já havia notado que se tornara extraordinariamente desconfiado em tudo, no que era relevante e nas ninharias, motivo pelo qual estabeleceu que confiaria em si mesmo o mínimo possível. Contudo, apresentaram-se fatos que já não permitiam negar, de qualquer maneira, a sua existência. Nos últimos tempos, às vezes, à noite, seus pensamentos e sensações se alteravam quase por completo em comparação com os de sempre e, na maior parte, não se pareciam de maneira alguma com os que lhe ocorriam na primeira metade do dia. Isso o espantou – e ele até se aconselhou com um célebre médico, na verdade um conhecido; obviamente, falou com ele brincando. Recebeu como resposta que a modificação, e até a duplicidade, de pensamentos e sensações à noite, durante a insônia e nas noites em geral, era um fato disseminado entre pessoas que “pensam fortemente e sentem fortemente”, que convicções de vida inteira às vezes se alteravam subitamente sob a influência melancólica da noite e da insônia, que de repente, sem mais nem menos, decisões fatais eram tomadas – mas isso, naturalmente, dentro de determinadas medidas – e que se, por fim, o sujeito sentisse essa duplicidade demais, a ponto de o caso chegar ao sofrimento, era sinal indiscutível de que uma doença estava se formando; queria dizer que era preciso fazer algo sem demora. O melhor de tudo seria alterar radicalmente o modo de vida, alterar a dieta ou até fazer uma viagem. Faria bem, naturalmente, um laxante.

Veltchanínov não quis escutar mais, mas a doença fora-lhe completamente demonstrada.

“Pois bem, tudo isso é só doença, tudo isso de ‘elevado’ é apenas doença, e mais nada!”, exclamava mordaz, às vezes, para si. Tinha muita vontade de não concordar com isso.

Logo, aliás, pela manhã começou a se repetir o que ocorria exclusivamente nas horas noturnas, só que com mais bile do que à noite, com raiva em vez de arrependimento, com zombaria em vez de comoção. Em

suma, vinham-lhe à memória, com frequência cada vez maior, “subitamente, e Deus sabe por quê”, incidentes de sua vida passada, e passada há muito tempo, mas que vinham de uma forma especial. Veltchanínov, por exemplo, há tempos queixava-se de perda de memória: esquecia o rosto de gente conhecida que, ao encontrá-lo, se ofendia com ele; nessa época, às vezes esquecia completamente um livro lido seis meses atrás. Mas o quê? Apesar dessa privação diária e evidente de memória (que muito o preocupava), tudo que se referia ao passado remoto, tudo que por dez, quinze anos estivera completamente esquecido, de repente, às vezes, vinha-lhe à memória, com uma exatidão tão magnífica de impressões e detalhes que era como se ele voltasse a vivenciá-los. Alguns dos fatos recordados estavam esquecidos a um ponto que lhe parecia um milagre poderem ser recordados. Porém, isso ainda não era tudo. E que pessoa que viveu à larga não tem seu tipo de lembranças? Mas a questão é que tudo que era recordado voltava agora como se preparado por alguém, de um ponto de vista absolutamente novo, inesperado e antes impensável de todo sobre o fato. Por que algumas lembranças agora lhe pareciam crimes consumados? E não era questão apenas dos vereditos de sua mente; não acreditaria em sua mente sombria, solitária e doentia, mas chegava à maldição, quase às lágrimas, se não externas, então internas. E, ainda há dois anos, ele não acreditaria se lhe dissessem que choraria alguma vez! No começo, aliás, recordava-se mais não de coisas sensíveis, mas de mordazes: recordava-se de uns fracassos sociais, humilhações; lembrava-se, por exemplo, de como “um intrigante o caluniara” e, conseqüentemente, pararam de recebê-lo em uma casa; de como, por exemplo, e nem fazia tanto tempo, fora ultrajado de forma categórica e pública e não o desafiara para duelo; de como atingiram-no com um epigrama espirituosíssimo em um círculo com as mulheres mais bonitas, e ele não encontrou o que responder. Recordava-se até de duas, três dívidas não pagas, na verdade ninharias, porém dívidas de honra, com gente com a qual parara de se dar e da qual já falara mal. Atormentava-o também (mas somente nos momentos mais raivosos) a

lembrança de duas fortunas dissipadas da forma mais estúpida, ambas significativas. Mas logo passou a se recordar também do “elevado”.

De repente, por exemplo, “sem mais nem menos”, recordava-se da figura esquecida – e esquecida por ele no mais alto grau – de um velho funcionário bondoso, grisalho e ridículo que ofendera certa vez, muito tempo atrás, pública e impunemente, só por fanfarronice, só para não deixar passar um calembur engraçado e bem-sucedido, que lhe conferiu glória e que ele depois repetiu. O fato fora esquecido a tal ponto que não se recordava sequer do sobrenome do velhote, embora logo todas as condições do incidente tenham se apresentado com clareza inconcebível. Lembrava-se nitidamente de que o velho então intercedera pela filha, que vivia com ele e ficara solteirona, e sobre a qual, na cidade, começaram a correr boatos. O velhote iniciou por responder e zangar-se, mas de repente pôs-se a soluçar diante de todos, o que até causou alguma impressão. Acabou que, para rir, embebedaram-no de champanhe e zombaram em dobro. E agora, ao se recordar “sem mais nem menos” de como o velhinho pranteava e cobria-se com as mãos, como uma criança, Veltchanínov tinha de repente a impressão de que jamais se esquecera daquilo. E que estranho: tudo isso sempre lhe parecera muito engraçado, mas agora era o contrário, exatamente pelos detalhes, exatamente por ele cobrir o rosto com as mãos. Depois, recordava-se de como, exclusivamente para fazer piada, caluniara a mulher lindíssima de um professor de escola, e a calúnia chegara ao marido. Veltchanínov logo saiu daquela cidadezinha e não soube qual foi o desfecho consequente de sua calúnia, no entanto agora, de repente, punha-se a imaginar qual tinha sido – e Deus sabe até onde teria chegado sua imaginação se de repente não lhe tivesse aparecido uma lembrança muito mais próxima, de uma moça, da pequena-burguesia modesta, que nem lhe agradava, da qual reconhecia que até se envergonhava, mas com a qual, sem saber por quê, tivera um filho e a qual abandonara com o bebê sem sequer se despedir (verdade que não tivera tempo) quando partira de São Petersburgo. Depois, procurou a

moça por um ano inteiro, mas não a consegui achar de jeito nenhum. Aliás, eram quase centenas de lembranças assim, e era como se cada lembrança arrastasse consigo dezenas de outras. Aos poucos, sua vaidade também começou a padecer.

Já dissemos que sua vaidade degenerara em algo peculiar. E com razão. Em alguns instantes (raros, aliás), chegava às vezes a tamanho alheamento que não se envergonhava sequer de ter sua própria caruagem, de vagar a pé entre as repartições, de ter se tornado alguém desleixado com o traje – e, se acontecesse de algum dos velhos conhecidos medi-lo com um olhar zombeteiro na rua ou simplesmente fingisse não o conhecer, restava-lhe, na verdade, altivez suficiente para sequer franzir o cenho. E não franzir a sério, de verdade, não apenas para as aparências. Obviamente, isso acontecia com raridade, eram apenas minutos de alheamento e irritação, mas, de qualquer forma, sua vaidade passou aos poucos a se afastar dos motivos anteriores e a se concentrar em torno de uma única questão que incessantemente lhe vinha à mente.

“Ora, veja – punha-se a pensar, às vezes, de forma satírica (e quase sempre, pensando sobre si, começava satírico) –, ora, veja, alguém de lá preocupa-se com a correção de minha moral e me envia essas malditas lembranças e ‘lágrimas de arrependimento’. Que seja, mas é em vão! Tudo isso é tiro com cartucho sem carga! Afinal, eu não sei com certeza, mais exato ainda do que com certeza, que, apesar de todas essas lágrimas de arrependimento e autocondenação, não tenho uma gotinha de independência, não obstante todos os meus estupidíssimos quarenta anos? Afinal, se amanhã ocorrer a mesma tentação, produzirem-se, por exemplo, novamente circunstâncias que façam ser vantajoso para mim espalhar o boato de que a mulher do professor recebeu meus presentes, com certeza vou espalhar, não vacilarei, e a coisa será ainda pior, mais obscena do que da primeira vez, pois já será a segunda vez, e não a primeira. E se me ofender de novo, agora, aquele príncipezinho, filho único de sua mãe, em cuja perna atirei há onze anos, volto imediatamente a desafiá-lo para um duelo e mando-o de novo à perna de pau. Mas não

serão cartuchos sem carga, e para que eles servem? E por que lembrar quando não consigo me livrar de mim mesmo de forma decente?”

E, embora não se tenha repetido o fato com a mulher do professor, embora não tenha mandado ninguém à perna de pau, a mera ideia de que aquilo haveria impreterivelmente de se repetir, caso as circunstâncias se produzissem, quase o matava... às vezes. De fato, nem sempre se padece com as lembranças; é possível descansar e passear nos entreatos.

Assim fez Veltchanínov: estava pronto para passear nos entreatos; mas, mesmo assim, quanto mais ficava em São Petersburgo, mais desagradável se tornava sua vida ali. Julho já se aproximava. Ocorria-lhe às vezes a decisão de largar tudo, incluindo o litígio, e partir para algum lugar, sem olhar para trás, de forma repentina, desesperada, por exemplo, para a Crimeia. Mas uma hora depois, habitualmente, já desprezava sua ideia e ria dela: “Esses pensamentos nojentos não vão se interromper no Sul, já que começaram, e se eu sou de alguma forma um homem decente, quer dizer que não devo fugir deles, nem tenho motivo”.

“E para que fugir?”, continuava a filosofar, por amargor. “Aqui é tão poeirento, tão abafado, nessa casa tudo está tão sujo, nas repartições pelas quais eu vagueio, em meio a essa gente de negócios, há tamanha azáfama de ratos, tamanhas preocupações sórdidas, em todo esse povo que ficou na cidade, em todos esses rostos que faíscam de manhã à noite está manifestado, de forma tão ingênua e franca, todo o seu egoísmo, todo o seu descaramento simplório, toda a covardia de suas almas pequenas, todo o caráter de galinha de seus coraçõezinhos que, de verdade, aqui é o paraíso do hipocondríaco, para falar da maneira mais séria! Tudo é franco, tudo é claro, ninguém considera sequer necessário disfarçar, como nossas fidalgas nas dachas ou nas estações de águas do exterior, ou seja, tudo é muito mais digno do mais completo respeito, apenas por causa da franqueza e da simplicidade... Não vou a lugar nenhum! Arrebento aqui, mas não vou a lugar nenhum!...”



O SENHOR DE CREPE NO CHAPÉU

Era 3 de julho. O calor estava sufocante, quase insuportável. O dia de Veltchanínov revelara-se muito atarefado: tivera que se deslocar a pé e de carro a manhã inteira e estava em perspectiva a necessidade impreterível de visitar, naquela mesma tarde, um senhor necessário, homem de negócios e conselheiro de Estado, e surpreendê-lo inesperadamente em sua dacha, em algum lugar do riacho Tchórnaia. Às cinco horas, Veltchanínov finalmente entrou em um restaurante (bastante duvidoso, mas francês) na Avenida Névski, junto à Ponte Politséiski², sentou-se na sua mesinha de canto de costume e pediu a refeição do dia.

Comia a refeição do dia por um rublo e pagava o vinho à parte, o que considerava um sacrifício que suportava de forma sensata em razão da desordem de sua situação. Surpreso de que fosse possível comer

² Literalmente, da Polícia. Ponte sobre o Rio Moika, rebatizada Narodni (do Povo) durante o período soviético e chamada de Zelióni (Verde) desde 1998. (N. T.)